

ZEFA LAVADEIRA

(Trecho da "A Mulher Obscura")

Uma trouxa de roupa é um mundo animado de anáguas, de corpinhos, de fronhas, de lençóis e toalhas servís; em resumo: dos homens e suas preocupações.

E qual é a maior força dêsse mundo? Onde o segredo das suas atividades?

- Olha o amor, Zefa, - olha os lençóis - torna-nos semelhantes aos deuses, faz vibrar em nós o poema dos plasmas que neles se geraram. Por eles, retrocedendo pelo caminho de certas memórias obscuras, voltamos às Formas primeiras, às Energias inteligentes.

E desfazendo aquela trouxa de roupa com o desembaraço de Jeová, compondo e recompondo um cáos, mostro-me peça por peça, todas aquelas forças mencionadas, todos genésicos, ou salivas do Espírito que adéjou sôbre as águas.

Mas Zefa deu um muchocho, arrepanhando as fraldas, arrastando os pés. Zefa não tinha antenas para a torrente declamatória interior, de minha juventude em dias de convalescença.

Pela vereda que vinha do rio, surgiu cantarolando uma cafusa nova, com o pote à cabeça, o braço direito erguido, segurando a ro dilha.

E senti-a em tudo, - na algazarra dos ramos, na toada das águas despenhadas, nos vegetais variegados como arraiais, no tumulto dos seres que sofrem, amam e se perpetuam correndo a vida.

Josefa-lavadeira, porque se julga a sós, vai despindo as belezas selvagens de ninfa cafusa.

No remanso em que bate a roupa, há bambús e ingazeiros pelas margens. Josefa entra o caudal até as coxas morenas, a camisa arregaçada, o cabeção de crochê impelido pelos seios duros, tostados de soalheiras.

O braço valente arroja o pano contra a pedra de bater, e a axila cobre-se e descobre-se, piscando a tentação de arrôchos e rendições cheias de saciedades. Aqui, toda lavadeira de roupa é boa cantadeira. A cantiga é uma corruptela de velhas toadas num tom languoroso, alimentado de sofreguidões, de desejos incontidos, e de lamentações incorrespondidas.

Depois de lavar a roupa dos outros, Zefa lava a roupa que a cobre no momento. Depois, deixa-a corando sôbre o capim. Então Zefa lavadeira ensaboa o seu próprio corpo, vestido do manto de pele negra com que nasceu. Outras Zefas, outras negras vêm lavar-se

no rio. Eu estou ouvindo tudo, eu estou enxergando tudo. Eu estou relembrando a minha infância. A água, levada nas cuias, começa o ensaboamento; desce em regatos de espuma pelo dorso, e some-se entre as nádegas rijas. As negras aparam a espuma grossa, com as mãos em concha, esmagam-na contra os seios pontudos, transportam-na, com agilidade de símios, para os sovacos, para os flancos; quando a pasta branca de sabão se despenha pelas coxas, as mãos côncavas esperam a fugidia espuma nas pernas, para conduzi-la aos sexos em que a África parece dormir o sono temeroso de Cam.